O Calvário Palestiniano

Índice

1. INTRODUÇÃO 2
2. PRIMEIRA ETAPA: A Palestina e os Palestinianos 2
2.1 A agenda sionista na Palestina 3
2.2 Sionismo 3
2.3 Contexto histórico 4
3. SEGUNDA ETAPA: Após o exílio 9
3.1 Dentro da Palestina 9
3.2 Fora da Palestina 9
3.3 A P.L.O. (Organização de Libertação da Palestina) 11
3.4 A agressão sionista de 1967 11
3.5 Duas tentativas de genocídio 12
4. APÊNDICE BÍBLICO 13

O objectivo deste texto é informar sobre as origens e o contexto histórico - muitas vezes ignorado - da criação do Estado de Israel. Foi escrito no final da década de 1970, mas ainda hoje é relevante.

1. INTRODUÇÃO

O povo palestiniano tem vivido durante décadas uma provação ignorada por muitos. É a eles que os "crentes independentes" dirigem este livro que visa dar uma rápida visão histórica dos pontos mais salientes que provocaram a expatriação sangrenta e iníqua dos palestinianos.

Através desta brochura, os "crentes independentes" apelam a todos os homens livres, convidando-os a contribuir para a restauração da Justiça, trabalhando para pôr fim à provação intolerável sofrida por todo um povo, objecto de um genocídio sem precedentes orquestrado por sionistas e seus agentes no mundo. Esta restauração da justiça é alcançada através da solidariedade com o povo palestiniano na sua justa luta para recuperar os seus legítimos direitos e estabelecer o seu Estado democrático independente.

Apresentamos a trágica história do povo palestiniano em duas partes:

1. Antes do exílio forçado de Maio de 1948, devido ao reconhecimento do Estado judeu pela ONU.
2. Após o exílio, a provação continuou na Palestina ocupada e nas terras do exílio.

Não falamos de anti-semitismo mas sim de uma preocupação com a Justiça e a Verdade.

2. PRIMEIRA ETAPA: A Palestina e os Palestinianos

A história ensina-nos que a Palestina e os palestinianos existem desde tempos imemoriais; a Bíblia também os menciona e descreve a Palestina:

> "... uma terra cujas cidades são bem fortificadas, habitada por homens fortes, uma terra paradisíaca cujos frutos são suculentos e grandiosos e onde o leite e o mel fluem" (Números 13:21-33)

Assim, a Palestina e os palestinianos apareceram aos batedores judeus enviados por Moisés. A região não estava, portanto, nem deserta nem deserta.

Contudo, um facto é incontestável: a Palestina tem sido objecto de cobiça humana ao longo dos séculos. Isto é tanto mais lamentável quanto algumas pessoas concederam a si próprias um direito bíblico sobre este país, tentando fazer Deus contribuir para um crime que nunca deixou de condenar através dos profetas (Ver o texto: "Cristãos e Israel").

A propaganda sionista moderna levou o mundo ocidental, em particular, a acreditar que a Palestina era um país deserto, transformado num jardim pelas mãos miraculosas dos israelitas e que, nas palavras da Sra. Golda Meir: "Não há palestinianos; eles nunca existiram". O slogan sionista: "Dar terra sem povo (*a Palestina*) a um povo sem terra (*os judeus*)" é melhor compreendido desta forma. No entanto, a Palestina sempre foi povoada e próspera e as belas laranjas de Jaffa sempre foram produzidas por mãos palestinianas.

A Palestina pertence aos palestinianos tal como a França pertence aos franceses e a América pertence aos americanos. Ninguém pode fingir o contrário sem prejudicar seriamente a Justiça. Falamos porque sentimos que a traição humana em breve se manifestará ao mais alto nível e que é tempo de agir para avisar os homens de boa vontade, para que não se afundem na injustiça exigindo a libertação de Barrabás (*ver Mateus 27:17-26*), que hoje é o usurpador sionista.

Pois a Palestina pertence aos palestinianos.

A Palestina existia: a libra palestiniana utilizada antes da criação do Estado hebraico

2.1 A agenda sionista na Palestina

Os sionistas aspiram durante séculos a estabelecer-se na Palestina; "No próximo ano em Jerusalém", repetiam-se sempre uns aos outros. Energizados pela pretensão de serem o "povo escolhido", cobiçavam a "terra prometida" que localizavam na Palestina. Esta terra é propriedade legítima dos palestinianos.

Para se tornarem seus, os sionistas mobilizaram o apoio da Grã-Bretanha e depois da América, apresentando-se como os protectores dos seus interesses no Médio Oriente. Tendo assim interessado os Aliados no seu plano, conseguiram penetrar na Palestina, estabelecer-se lá sob a sua poderosa protecção, e utilizaram a violência para expulsar os palestinianos, exilando-os da sua pátria.

Os sionistas que imigraram para a Palestina vindos de todo o mundo vivem em apartamentos mobilados que ainda pertencem a palestinianos exilados em tendas e em pequenas favelas chamadas "campos de refugiados palestinianos". Quando os israelitas apreenderam estes apartamentos à força, encontraram nos armários roupas de homens, mulheres e crianças que as famílias palestinianas, fugindo do agressor sionista, nem sequer tiveram tempo de levar.

Antes de se tornar violenta, a imigração sionista começou sub-repticiamente em 1880. O terrorismo sionista veio mais tarde, ao abrigo do Mandato Britânico. Havia três notórios grupos terroristas sionistas: Haganah, Stern e Irgun. Este último foi liderado pelo actual Primeiro Ministro israelita, Menahem Beghin, que foi responsável pelo triste massacre de Deir-Yassin e pela explosão do Hotel King David's. Hoje os sionistas acusam os combatentes da resistência palestiniana de serem terroristas porque lutam pela libertação da Palestina, a sua pátria.

2.2 Sionismo

Como instituição, o sionismo só se tornou concreto e constitucionalizado no Congresso de Basileia em 1897.

Theodore Herzl, o fundador do sionismo político, em cuja urgência este congresso foi realizado, defende no seu livro "Der Judenstaat" (*O Estado Judaico*), a **colonização da Palestina**, conduzindo em última instância à criação de um Estado judeu soberano, cujas fronteiras seriam: "A norte: as montanhas com vista para a Capadócia (*Turquia*), a sul: o Canal de Suez, e a leste: o

Eufrates". Esta definição das fronteiras baseia-se numa **falsa interpretação dos** textos bíblicos desde que a Aliança Mosaica foi declarada quebrada pelos profetas, nomeadamente Jeremias que, já 500 anos antes de Cristo, anunciou que uma NOVA ALIANÇA substituiria a primeira (ver texto "Os Cristãos e Israel"). É por isso importante sublinhar aqui que não existe qualquer ligação entre o Israel da Bíblia e o Israel de 1948 que usurpou este nome para mascarar a fuga da Palestina.

No congresso em Basileia Herzl declarou:

> Estamos aqui para colocar a pedra fundamental da casa que irá albergar a nação judaica"

O seu programa pode ser resumido como se segue:

1. Promover uma colonização da Palestina em grande escala e racionalmente organizada pelos judeus.
2. Para obter o direito internacionalmente reconhecido de colonizar a Palestina.
3. Constituir um organismo permanente (Organização Sionista) para unir todos os judeus na defesa do sionismo.

Esta fórmula tornou-se a chave para a política sionista.

2.3 Contexto histórico

O sionista move-se antes de 1914

Antes da Primeira Guerra Mundial, a hegemonia turca estendeu-se por todo o Médio Oriente, incluindo a Palestina.

Em 1901, Theodore Herzl fez uma tentativa contra o Sultão turco. Sugeriu que os judeus poderiam ajudar a Turquia a restaurar as suas finanças e a desenvolver os recursos naturais do Império Otomano, e propôs a criação de uma associação judaico-otomana para a colonização da Palestina e da Síria. Foi mesmo redigido por Herzl, cujo Artigo 3 "deu aos judeus o **direito de deportar a população indígena**". A tentativa falhou.

Já em 1902, os esforços sionistas voltaram-se então para os britânicos e o executivo da sua organização iniciou conversações com o governo britânico. Os primeiros frutos destes passos aparecem em 1914, quando o Chanceler do Tesouro, Lloyd George, declarou, após um encontro com o eminente sionista Chaïm Weizmann:

> "Os líderes sionistas prometeram-nos formalmente que se os Aliados se comprometessem a facilitar o estabelecimento de um Lar Nacional Judeu na Palestina, fariam o seu melhor para reunir judeus de todo o mundo à causa Aliada e ganhar o seu apoio"

Assim, durante a Primeira Guerra Mundial, o movimento sionista juntou-se à Grã-Bretanha, que por sua vez viu o sionismo como uma base britânica no Médio Oriente. Agora os sionistas estão a trabalhar para acabar com a hegemonia turca sobre a Palestina.

1914: Enfraquecimento da Turquia

A Primeira Guerra Mundial deflagrou. A Turquia já está enfraquecida pelas guerras anteriores com os seus vizinhos e o poder está nas mãos do "Comité de União e Progresso" liderado por um Triumvirate formado por "Talaat, Djavid e Enver". Os dois últimos são judeus "convertidos" ao Islão. Deve salientar-se que, nessa altura, a Turquia era um Estado islâmico.

Quatro meses após a guerra, o Triumvirate envolve uma Turquia já esgotada, a seguir à Alemanha, contra os Aliados. Isto foi para lhe dar o golpe de misericórdia e para pôr fim à hegemonia turca sobre a Palestina, com vista a colocar esta última sob influência britânica favorável ao plano sionista.

1916: O Acordo Sykes-Picot

Em 1916, os governos britânico e francês concluíram secretamente um acordo sobre a divisão do Médio Oriente assinado pelos seus respectivos ministros dos negócios estrangeiros: Sykes e Picot. Este acordo colocou a Síria e o Líbano sob o mandato francês, e a Palestina sob o mandato britânico.

1917: A Declaração de Balfour

Os esforços dos sionistas foram coroados de êxito a 2 de Novembro de 1917, quando Lord Balfour, o Ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, declarou numa carta a Edmond Rothschild:

> "O Governo de Sua Majestade olha favoravelmente para o estabelecimento de uma casa nacional judaica na Palestina e fará o seu melhor para ajudar a alcançar este objectivo, no claro entendimento de que nada será feito que possa prejudicar os direitos civis e religiosos das comunidades não judaicas que vivem na Palestina."

A comunidade em questão era constituída por cristãos e muçulmanos, a grande maioria dos quais foram expulsos da Palestina.

De facto, o governo britânico fez o seu melhor para servir o sionismo. Mas não respeitou a segunda parte da sua declaração: três milhões de palestinianos estão agora exilados da sua pátria, pois o governo britânico nunca fez nada de grave para evitar a tragédia sangrenta. Mais tarde, em 1944, a resolução adoptada pelo Comité Executivo do Partido Trabalhista Britânico declarou:

> "Encorajemos os árabes a partir à medida que os judeus chegam"

1918: Inglaterra no Médio Oriente

A 3 de Outubro de 1918, o General Allenby entrou em Damasco à frente do exército britânico. Declarou que estava a assumir o comando de todos os territórios ocupados. A Palestina é uma delas.

1920: O Mandato Britânico

A 25 de Abril de 1920, a Liga das Nações deu à Grã-Bretanha um mandato sobre a Palestina. Em Agosto do mesmo ano, o governo britânico anunciou que 16.500 judeus eram autorizados a imigrar anualmente.

A partir daí, sob o mandato britânico, as inundações abusivas de imigrantes sionistas incharam as fileiras judaicas na Palestina. Os palestinianos opuseram-se à invasão da sua pátria, mas os britânicos suprimiram toda a resistência, não fazendo qualquer esforço efectivo para deter a inundação da imigração judaica. Já em 1925 o número de 16.500 era muito ultrapassado e havia 33.801 imigrantes, ou 3,5% da população, e em 1935: 60.000 imigrantes, ou 4,7% da população.

Os invasores sionistas começaram imediatamente a mordiscar terras pertencentes aos palestinianos ao abrigo do mandato britânico, violando assim os direitos das comunidades não judias que vivem na Palestina.

1929: Revolta palestiniana

Os palestinianos estão a expressar a sua insatisfação com a conspiração judaico-britânica. Houve numerosos confrontos entre palestinianos e sionistas. Em Agosto de 1929, um incidente reacendeu as hostilidades em todo o país, deixando 249 mortos e 571 feridos.

1936: A revolta palestiniana foi organizada

Em Abril de 1936, os palestinianos revoltam-se. Formaram um comité supremo e apelaram a uma greve geral "até que o governo britânico faça uma mudança completa na sua política actual e primeiro pare a imigração judaica". A greve durou seis meses e a revolta espalhou-se por todo o país. Lloyd George, comentando estes eventos, disse a Ben Gurion nesse ano:

> "Assim, os árabes temem que a Palestina se torne um Estado hebreu; bem, tornar-se-á um Estado hebreu"

Assim, em Junho de 1936, a Grã-Bretanha arma os judeus contra os palestinianos, que se estão a tornar preocupantes. Milhares de jovens judeus estão armados pelos britânicos e organizados em unidades territoriais para ajudar a manter a ordem. Eles formam o núcleo de um exército judeu que opera em plena luz do dia ao lado das forças terroristas judaicas subterrâneas do Hagganah. A sua formação é confiada pelo General Wiegal ao Major Wingate, ambos britânicos.

1937: A Inglaterra propõe a divisória

A Inglaterra recomenda a divisão do país em dois Estados: palestiniano e judeu. Esta é a primeira menção de um "Estado judeu" e as fronteiras propostas foram muito além da terra então propriedade dos judeus, estimada em 5,4% da Palestina. O Estado hebraico compreendia 25% da Palestina.

Os líderes sionistas exultaram e Ben Gurion disse a este respeito:

> "Esta proposta de Estado judeu não é o objectivo sionista, mas será um passo... Quebraremos as fronteiras que nos serão impostas"

Em Outubro, entre outras medidas tomadas pelos britânicos para enfraquecer os palestinianos, cinco dos membros mais influentes do Comité Supremo são detidos e deportados para as Ilhas Seychelles, no Oceano Índico.

1939: o sionismo volta-se para a América

No final de 1939, a rebelião palestiniana foi posta sob controlo: 5679 palestinianos foram presos e 110 enforcados.

A 1 de Setembro de 1939, eclodiu a Segunda Guerra Mundial. Os sionistas, vendo a Inglaterra a enfraquecer, mudam a sua política e começam a virar-se para a América. Ben Gurion escreve nas suas notas:

> "A nossa maior preocupação era o destino da Palestina depois da guerra... era claro que os britânicos não iriam reter ali um mandato... eu não tinha dúvidas de que o centro de gravidade dos nossos esforços se tinha deslocado do Reino Unido para a América, que estava no processo de assegurar o primeiro lugar no mundo, e onde os judeus eram os mais numerosos e influentes"

1941: o sionismo junta-se à América

Judeus na América e sionistas em todo o mundo clamamam pela criação de um Estado judeu na Palestina após a guerra. Os sionistas americanos estão a formar comités cristãos-judaicos para reunir cristãos e clero nos Estados Unidos à causa sionista. Os judeus não deixaram de tirar partido da interpretação literal que alguns falsos cristãos - a maioria na América - fazem da Bíblia, confiando nela para justificar as suas reivindicações. Conseguiram a ajuda de jornalistas e funcionários, injectando o nacionalismo sionista nas veias de toda a América.

1943: O sionismo abandona a Inglaterra

A 17 de Março, Ben Gurion declarou que o fim da guerra não significa o fim da luta judaica porque os sionistas não irão cooperar na Palestina com as autoridades britânicas.

1944-45: Terrorismo sionista

É o fim da guerra.

Os sionistas, que entraram na Palestina em vigor sob a protecção dos britânicos, praticam o terrorismo metódico contra os palestinianos e altos funcionários do governo britânico. Conseguiram obter o apoio incondicional do Presidente americano Roosevelt que, na conferência de Ialta (Fevereiro de 1945), disse a Estaline:

> "Eu sou um sionista, e você?" Ao que Estaline respondeu: "Estou em princípio, mas não ignorei as dificuldades"

Após a morte de Roosevelt, Harry Truman torna-se presidente. Ele subscreve o programa sionista, e às objecções de quatro embaixadores americanos nos países árabes, responde:

> "Lamento, cavalheiros, há centenas de milhares que desejam o sionismo bem. Não tenho centenas de milhares de árabes entre os meus eleitores"

Em Julho de 1945, Truman intervém com o governo britânico para conceder aos judeus 100.000 certificados de imigração.

Em Agosto de 1945, Ben Gurion apela à criação de um Estado judaico.

1946: Destruição da sede britânica

A 22 de Julho, Menahem Begin, liderando um grupo de terroristas, fez explodir o Hotel King David em Jerusalém, quartel-general das forças britânicas. O número de mortos: 200 mortos, a maioria dos quais britânicos.

1947: a ONU vota a favor da divisão da Palestina

A 11 de Outubro, seguindo as instruções de Truman, o governo dos EUA apoia o plano da ONU para a divisão da Palestina. O prestígio da América pressiona outros países a imitá-lo.

A 29 de Novembro, a Assembleia Geral da ONU vota a divisão da Palestina em três zonas: palestiniana, sionista e neutra (Jerusalém e os Lugares Santos).

A reacção dos árabes foi imediata e violenta, e foram organizados protestos em todos os países árabes. Na própria Palestina, os palestinianos não tinham recuperado da revolta de 1936-1939 devido às muitas baixas, ao exílio dos seus líderes e ao confisco de quase todas as suas armas pelos britânicos. Como resultado, não conseguiram resistir aos judeus organizados e bem armados que estavam a intensificar os seus actos terroristas para os forçar a deixar o país. Foram realizados ataques em todo o país, incluindo em Jerusalém, Haifa, Jafa, Safad, etc., e nos Estados Unidos. Os judeus destrœm pontes, casas, lojas, armazéns, etc., pertencentes aos palestinianos.

Satisfação em "lugares altos" (J. Carter e M. Begin)

Exílio forçado de palestinianos

1948: A ONU reconhece o Estado de Israel

O massacre de Deir-Yassin: A 9 de Abril de 1948, grupos terroristas de Menachem começaram a atacar a aldeia palestiniana de Deir-Yassin. Os aldeões são massacrados num emaranhado. Ben Gourion nega ter tido qualquer responsabilidade neste caso. O Sr. Begin, o chefe do Irgun, diz, falando de Deir-Yassin:

> "Não só o massacre foi justificado, como não teria havido Estado de Israel sem a vitória em Deir-Yassin"

Depois deste massacre, o êxodo palestiniano começou em massa por medo de mais Deir-Yassin, o que foi assim o primeiro passo para o despejo dos palestinianos, que desarmaram, e sob a ameaça dos terroristas sionistas, evacuaram cidades inteiras como Haifa. Esta cidade caiu a 22 de Abril de 1948.

Quando os sionistas entraram em Haifa, ameaçaram a população por altifalantes, aconselhando-os a fugir se não quisessem sofrer o destino de "Deïr-Yassin". Os cidadãos em pânico não tiveram outra escolha senão fugir, gritando: "Deïr-Yassin". Só conseguiam escapar na direcção do porto onde os navios ingleses os esperavam para os levar para outros países árabes. Só nessa noite, Haifa, que tinha cerca de 100.000 habitantes, foi esvaziada por metade.

Fazendo vista grossa ao terrorismo israelita, a América continuou a apoiar incondicionalmente os sionistas; a 23 de Abril de 1948, o Presidente Truman informou Weizmann de que se o Estado judaico fosse proclamado, os Estados Unidos iriam reconhecê-lo imediatamente.

A 14 de Maio de 1948, o mandato britânico terminou. Às 9 horas da manhã, o último Alto Comissário britânico deixa o país. Às 16 horas, Ben Gurion proclama o Estado de Israel perante 200 personalidades, fotógrafos e jornalistas.

No mesmo dia, forças judaicas ocuparam o Acre e a Galileia Ocidental e expulsaram os habitantes.

Ao deixarem Jerusalém, os britânicos entregaram ao Haganah os edifícios de maior importância estratégica. A partir destes edifícios o Haganah atacou as áreas residenciais palestinianas da cidade e ocupou-a, sem poder entrar na Cidade Velha que contém os Lugares Santos, devido à grande resistência que os palestinianos colocaram.

Dezasseis minutos após a proclamação de Israel por Ben Gurion, o governo dos Estados Unidos reconhece Israel. A União Soviética fez o mesmo no dia seguinte.

Com a proclamação do Estado de Israel, 1.000.000 palestinianos foram exilados da sua pátria. Até Maio de 1948, os palestinianos tiveram de sofrer do sionismo na Palestina, nas suas casas. Depois de 1948, a provação palestiniana agravou-se ainda mais e teve lugar sob ocupação sionista e no exílio.

Todas estas pessoas, cujas famílias estão deslocadas, estão espalhadas por tendas e bairros de lata miseráveis em Gaza, Jordânia, Síria e Líbano.

3. SEGUNDA ETAPA: Após o exílio

Depois de forçar cerca de 1.000.000 palestinianos ao exílio da sua pátria, os sionistas, ignorando as fronteiras traçadas pela ONU, continuam o seu plano expansionista dentro da Palestina, assediando os restantes palestinianos do país através de actos terroristas. Assim, a provação do povo palestiniano está a decorrer a dois níveis: internamente, sob ocupação sionista, e externamente, no exílio.

3.1 Dentro da Palestina

Os palestinianos estão a resistir tanto quanto podem ao movimento de expatriação ao qual são violentamente sujeitos. O escritor sionista Jon Kimhe descreve no observador judeu (03.03.1967) como o General Moshe Dayan, em Julho de 1948 "entrou em Lydda a toda a velocidade, disparando tiros e incitando ao terror... A população palestiniana de 30.000 habitantes fugiu ou reuniu-se na estrada para Ramallah. No dia seguinte Ramleh também se rendeu e os seus habitantes sofreram o mesmo destino. Ambas as cidades foram saqueadas pelos israelitas".

Apesar disso, a opinião internacional continua a ser totalmente favorável aos israelitas e hostil aos palestinianos. A influência sionista na América -especialmente no período que antecedeu as eleições de Novembro de 1948- tornou a política dos EUA ainda mais pró-sionista. Armas e aviões foram fornecidos aos israelitas, e o pessoal militar americano foi autorizado a lutar ao lado dos israelitas: "Antigos capitães e majores americanos estavam em posições de comando no exército israelita" (The Times 03.05.1967). Na sua biografia de Ben Gurion, Michael Bar Zohar escreve que Ben Gurion, falando destes militares, disse: "Não sei se poderíamos ter ganho a guerra sem a sua ajuda".

Após a guerra de 1967, Israel ocupou completamente Jerusalém, tomou os Montes Golan, a Cisjordânia, Gaza e Sinai e continuou a judaização da Palestina em todo o seu território.

A situação dos patriotas palestinianos foi muito angustiante. Acusados de serem "terroristas", foram atirados para a prisão e sujeitos a torturas atrozes. Os representantes da Cruz Vermelha Internacional foram impedidos de verificar o estado dos prisioneiros. O "Sunday Times" publicou um relatório condenatório em 1977 sobre o tratamento desumano a que foram sujeitos os prisioneiros palestinianos.

O artigo 3 da Lei de Emergência actualmente em vigor estipula que "o Governo israelita tem o direito de deter administrativamente, em qualquer lugar e a qualquer momento, qualquer pessoa na zona ocupada, sem ter de especificar a acusação contra a pessoa assim detida".

Personalidades de grande dignidade foram assim apreendidas por causa do seu testemunho em nome dos palestinianos. Entre os mais conhecidos, mencionamos o bispo greco-católico de Jerusalém, Hilarion Capucci, que foi preso em 1974 e libertado em 1977, após ter passado três anos e meio nas prisões israelitas.

Há cerca de 4000 palestinianos detidos nas trinta prisões israelitas. Estas prisões são edifícios antigos com celas escuras e húmidas e pouca ou nenhuma luz solar. Há um mau cheiro devido ao mau cheiro dos esgotos. Alguns quartos, concebidos para 15 prisioneiros, albergam 45 que, para poderem dormir, são obrigados a revezar-se em três turnos sucessivos.

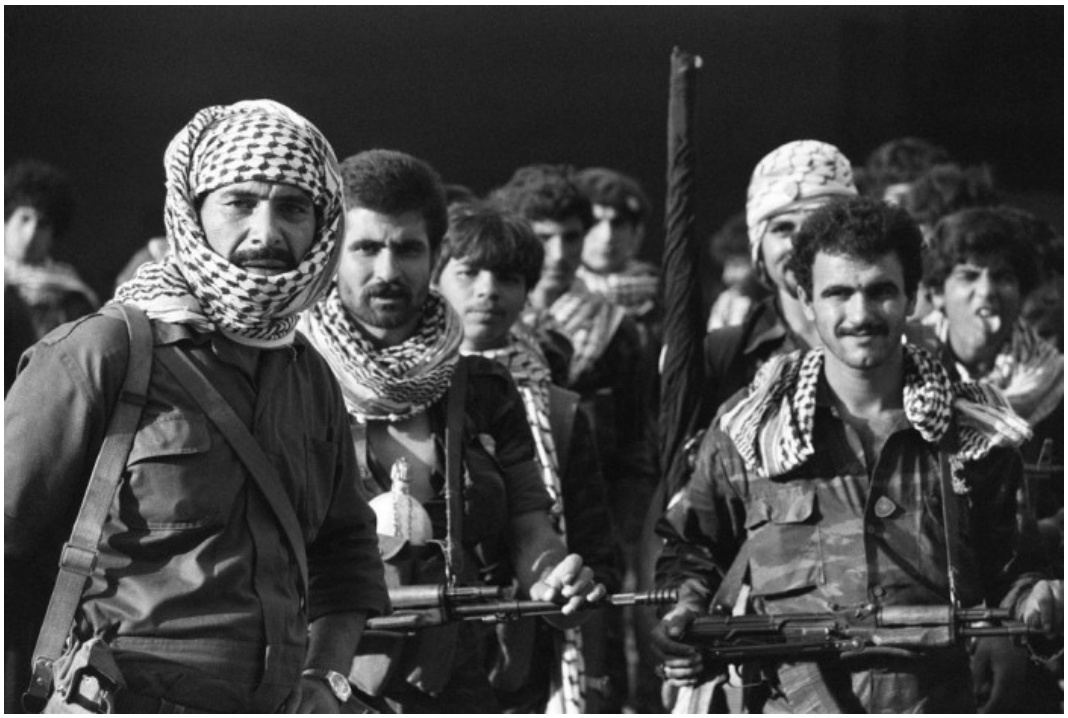
3.2 Fora da Palestina

O Inverno de 1948-1949 foi particularmente duro para os refugiados palestinianos. Estavam sem bagagem e sem abrigo. Muitos morriam de frio e fome e testemunhas disseram ter visto crianças com braços "como fósforos e barrigas inchadas devido à fome progressiva". Muitos bebés estavam a morrer por falta de leite".

No entanto, os líderes de Israel mantiveram-se fiéis ao princípio de um Estado sionista, puramente judeu, e recusaram-se categoricamente a reintegrar os refugiados palestinianos porque eram cristãos ou muçulmanos.

Bispo Hilarion Capucci: Solidariedade Pró-Palestina

Um campo de refugiados palestinianos



O Fedayeen! O direito dos palestinianos a recuperarem as suas terras!

As propriedades palestinianas foram confiscadas pelo Estado hebraico: terras, residências, lojas, depósitos, oficinas, etc. foram apreendidas. Centenas de milhares de famílias foram expulsas da Palestina, uma noite em 1948, sem dinheiro, passaportes ou documentos de identidade, sem diplomas ou a possibilidade de exercer uma profissão. Conduzidos sem aviso prévio ou preparação, deitaram-se em tendas, fora da sua pátria, à mercê de uma consciência internacional implacável para com eles e tudo o que foi adquirido aos usurpadores israelitas. A consciência ocidental, que tinha sido fortemente culpada pelos crimes de Hitler, queria redimir-se aos olhos dos sionistas, permitindo-lhes perpetrar um crime ainda mais hediondo contra pessoas inocentes. Isto tem vindo a acontecer há mais de 30 anos.

No exílio, os palestinianos são privados dos direitos civis mais básicos. São muitas vezes "sofridos", não são bem-vindos, pelos seus anfitriões. Nos campos de refugiados onde estão amontoados, já não estão autorizados a escavar esgotos sanitários subterrâneos ou canos de água potável.

Desmontado, o povo refugiado palestiniano vive num estado de espanto e medo.

3.3 A P.L.O. (Organização de Libertação da Palestina)

A 28 de Maio de 1964, o primeiro Conselho Nacional Palestiniano reuniu-se em Jerusalém. Foi proclamada a Organização para a Libertação da Palestina (P.L.O.) e redigida a Carta Nacional. Assim, a entidade palestiniana afirmou-se, pondo fim a uma situação de total desordem.

Nesse mesmo ano foi formado o Exército de Libertação da Palestina.

Em 1965, a luta pela libertação da Palestina tomou um novo rumo decisivo com o aparecimento da "FEDAYINE", os combatentes da resistência palestiniana que operam nos territórios ocupados, para a libertação da sua pátria.

3.4 A agressão sionista de 1967

Em Junho de 1967, os sionistas assumiram o controlo total de Jerusalém, dos Montes Golan (Síria), do Sinai (Egipto) e de toda a Cisjordânia. O Estado hebreu livrou-se de um novo fluxo de palestinianos que partiu para a Jordânia em dezenas de milhares através da Ponte Allenby. Estão agrupados em campos de refugiados. A tragédia continuou: 410.000 novos refugiados foram acrescentados ao número de exilados.

Numa resolução de 22 de Novembro de 1967, o Conselho de Segurança apelou a "Israel" a retirar-se dos territórios ocupados em Junho de 1967. Mas o Sr. Abba Eban, Ministro dos Negócios Estrangeiros de Israel, responde:

> "Se a Assembleia Geral votasse por 121 votos contra um a favor do regresso de Israel às Linhas de Armistício (*antes das fronteiras de Junho de 1967*), Israel recusar-se-ia a cumprir esta decisão" (New York Times 19.06.1967)

3.5 Duas tentativas de genocídio

No exílio, os refugiados palestinianos foram duas vezes submetidos a genocídio pelos países de acolhimento: na Jordânia, em 1970, e no Líbano, em 1975.

Na Jordânia

Os palestinianos exilados recusam-se a ser absorvidos pelo regime jordano e exigem o direito de lutar pela libertação da Palestina através do rio Jordão. Em Setembro de 1970, o rei Hussein reagiu violentamente: o seu exército atacou os campos de refugiados e milhares foram mortos e feridos. É o famoso "Setembro Negro".

Mais uma vez, em Julho de 1971, o Rei da Jordânia cedeu. O número das duas carnificinas foi de cerca de 25.000 mortos e feridos. Mais de 200.000 palestinianos tiveram de fugir para a Síria e o Líbano.

No Líbano

Conscientes dos ataques contra eles, os palestinianos pediram ao Estado libanês que protegesse os seus campos contra a infiltração estrangeira. O Presidente da República, Sr. Sleiman Frangié, respondeu que o Estado não estava em condições de assegurar a sua protecção e que eles próprios o deveriam fazer.

Na noite de 13 de Abril de 1973, os comandos israelitas aterraram em Beirute. Assistidos por colaboradores libaneses, foram para as casas de três líderes palestinianos e alvejaram-nos nos seus quartos.

Como resultado deste incidente, os palestinianos decidiram erguer postos de controlo em redor dos seus campos para assegurar um mínimo de protecção. Em Beirute, foram erguidos quatro postos de controlo, dois dos quais ocasionais.

Uma facção libanesa (a extrema direita), liderada pelos falangistas cristãos, considerava que estas barragens constituíam um desafio à soberania libanesa. Por outro lado, os patriotas libaneses - cristãos e muçulmanos - justificaram os palestinianos devido à permissão prévia que lhes foi dada para se defenderem, e porque estas barragens, que eram em número reduzido, nunca foram além dos campos de refugiados.

A tensão contra os palestinianos é alimentada por alguns líderes cristãos de extrema-direita de alto nível que são pró-israelitas. Um forte sentimento anti-Palestiniano é assim injectado na direita cristã libanesa, que reage automaticamente contra os palestinianos.

A 13 de Abril de 1975, por ocasião da comemoração dos seus mártires, os refugiados tiveram um encontro num dos seus campos. Quando a reunião terminou, um autocarro trouxe para casa cerca de 25 homens, mulheres e crianças palestinianos de outro campo. No regresso, passando por um bairro maronita de extrema direita (cristãos falangistas), o autocarro foi interceptado por milicianos armados com metralhadoras. Todos os ocupantes são mortos a tiro.

Esta foi a faísca que causou a guerra civil no Líbano. Os patriotas libaneses manifestaram-se em solidariedade com os palestinianos contra um plano de genocídio orquestrado nos bastidores pelos israelitas e os seus agentes libaneses e árabes. A partir daí, os palestinos e os patriotas libaneses fizeram causa comum.

Diga ao acampamento de El Zaatar após o genocídio

Quatro campos palestinianos nas áreas cristãs maronitas foram literalmente arrasados. Dois destes campos - o Quarantine e o Tell-El-Zaatar - eram o lar de palestinianos e libaneses do sul do Líbano que tinham fugido dos ataques israelitas após a destruição das suas casas. Os outros dois campos - Dbaye e Jisr-El-Basha - eram o lar de cristãos palestinianos de rito greco-católico.

Em resultado destes acontecimentos, um grande número de refugiados palestinianos foi conduzido de volta ao sul do Líbano. Mais uma vez, a extrema direita libanesa volta a acusar os "refugiados palestinianos residentes no Líbano de tentarem tomar o Líbano como sua pátria em vez da Palestina" (Pierre Gemayel, líder dos falangistas cristãos, em "L'Orient-Le Jour" de 9.1.78). Além disso, a extrema-direita libanesa espalhou rumores na sua imprensa sugerindo que os palestinianos estavam a comprar terras no Sul do Líbano a fim de aí se estabelecerem.

Face à conspiração para a desacreditar a fim de a exterminar, a Revolução Palestiniana tem afirmado repetidamente, oficial e publicamente, que os palestinianos nunca aceitarão uma pátria alternativa, seja ela o Paraíso.

A luta pela sobrevivência e libertação da Palestina continua. Esta luta é um símbolo: quem quer que trabalhe para libertar a Palestina, trabalha para libertar a sua própria Pátria.

4. APÊNDICE BÍBLICO

Os sionistas choram anti-semitismo sempre que alguém os censura pelos seus crimes. Como usam a Bíblia para esconder a sua usurpação da Palestina, achámos útil demonstrar que a Bíblia é o mais "anti-semita" dos livros, porque nunca deixou de denunciar o espírito sionista, o que contraria a noção espiritual de salvação e a Terra Prometida, bem como a universalidade da eleição.

O atencioso leitor cristão notará facilmente que não existe uma ligação real entre o Israel feito pelo homem de 1948 e o Israel profético e espiritual do qual a Bíblia fala.

Para uma melhor compreensão do problema, consulte o texto: "Cristãos e Israel".

Peter (1978)

Copyright © 2026 - Pierre2.net - Todos os direitos reservados.